

Boletim Conjuntural Semana 47/2025 – 19 de novembro de 2025

SUMÁRIO

SOJA e MILHO.....	2
MANDIOCA	3
OLERÍCOLAS	3
SUÍNOS.....	5
BOVINOS.....	5
FRANGO	4
MEL.....	6
COGUMELO	8

Prezados leitores, o boletim desta 47ª semana destaca o desempenho das exportações de soja e milho, cuja evolução ao longo do ano reforça o peso do mercado externo na organização dos fluxos internos. Os embarques de milho têm puxado esse avanço, enquanto a soja atravessa um período de ajuste de oferta, tendência que deve se modificar à medida que os armazéns forem liberados para receber a nova safra.

Ainda em relação ao comércio exterior, a cadeia da apicultura nacional mostrou-se sensível à imposição de tarifas pelos Estados Unidos, com impactos já percebidos também no Paraná.

Na mandioca, as chuvas de novembro favoreceram o desenvolvimento das lavouras paranaenses e aceleraram o ritmo do arranquio, reduzindo atrasos acumulados e sustentando a expectativa de nova produção recorde.

As olerícolas reafirmam a amplitude produtiva do Estado, com polos que abastecem centros urbanos e mantêm elevada diversidade de espécies. O cultivo de cogumelos, embora ainda não coloque o Paraná na liderança nacional, responde por parcela relevante da produção e surge como atividade de expansão, impulsionada pelo aumento do consumo e pela busca por proteínas alternativas.

Entre as proteínas animais, o destaque é a redução parcial dos custos de produção da avicultura paranaense e nacional. No cenário brasileiro, a bovinocultura segue sustentada pela demanda externa aquecida e pelos estoques reduzidos, enquanto a suinocultura registra resultados trimestrais históricos, consolidando o bom momento do setor.

Boa leitura!

Boletim Conjuntural Semana 47/2025 – 19 de novembro de 2025

SOJA e MILHO

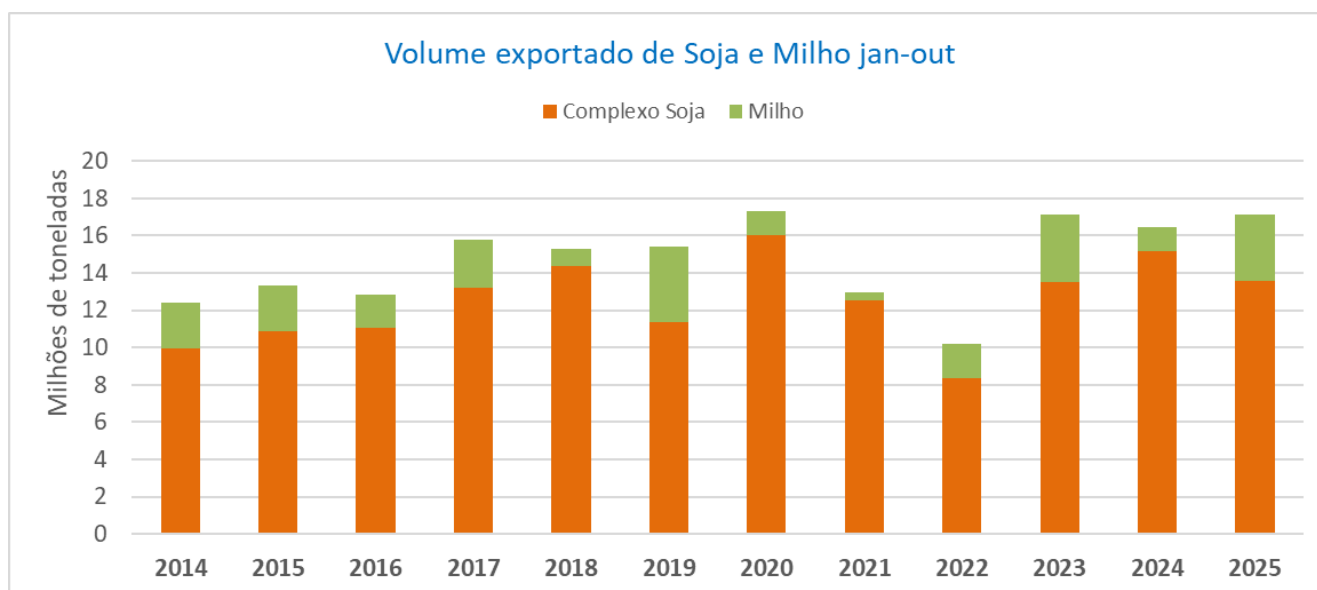
Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O Paraná exportou entre janeiro e outubro 3,55 milhões de toneladas de milho, uma impressionante alta de 179% quando comparada ao mesmo período de 2024. A receita financeira totalizou 757,7 milhões de dólares, que equivale a aproximadamente 4,16 bilhões de reais. O preço da tonelada comercializada também teve um leve aumento, saindo de US\$ 210,58 em 2024 para US\$ 213,43; percentualmente isso representa uma alta de 1,35%. Este maior volume exportado nesse período é em decorrência de uma safra recorde no ciclo anterior e da opção do produtor por escoar primeiramente o milho que tem menor atratividade comercial quando comparado à soja.

Já o complexo soja (farelo, óleo e grão) apresentou uma queda nos volumes

exportados de 10%. Foram exportados nos primeiros 10 meses do ano 13,56 milhões de toneladas resultando em uma receita financeira de 5,53 bilhões de dólares, algo em torno de 30,4 bilhões de reais. Apesar da queda no conjunto, o óleo de soja, produto com maior valor agregado, teve aumento de 18%, enquanto o farelo de soja exportou 2% a mais e a soja em grão apresentou queda de 15%.

Somando as exportações de soja e milho, o Paraná exportou 17,1 milhões de toneladas entre janeiro e outubro de 2025, representando uma alta de 4,1%. Isso evidencia que, mesmo com a queda no volume de soja, o embarque de grãos aumentou pela priorização do milho. A expectativa é que nos próximos 3 meses haja um embarque maior de soja para liberação dos armazéns pois em janeiro já começa a colheita da nova safra.



Boletim Conjuntural Semana 47/2025 – 19 de novembro de 2025

MANDIOCA

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

O clima chuvoso deste mês favoreceu a maior parte das lavouras de mandioca, contribuindo para o desenvolvimento das raízes e para a melhora do arranquio. Até então, a colheita avançava de forma mais lenta devido ao período mais seco registrado entre agosto e outubro, o que pode levar à revisão da área efetivamente colhida neste ano, já que mais lavouras deverão ter sua colheita postergada para 2026. Há registros pontuais de granizo e de apodrecimento de raízes, porém sem impactos significativos, mesmo entre os produtores afetados.

Esses fatores, contudo, não devem impedir a obtenção de um novo recorde de produção em 2025, superando as 3,7 milhões de toneladas colhidas em 2024. As estimativas atualizadas, a serem divulgadas no dia 27/11, indicam, por ora, uma produção de 4,2 milhões de toneladas em 2025.

No mercado, observou-se melhora na situação dos preços. Em novembro, as cotações permanecem próximas à média de outubro, quando os produtores receberam R\$ 543,57 por tonelada. Esse valor é 8% superior ao registrado em setembro (R\$ 502,19), embora ainda esteja 10% abaixo do patamar observado há 12 meses (R\$ 602,07). O preço atual cobre os custos operacionais da cultura e tem reanimado os

produtores, que estão ampliando a área dedicada à cultura para a safra de 2026.

OLERÍCOLAS

Eng. Agrônomo Paulo Andrade

Na perspectiva local, os 399 municípios paranaenses apresentaram cultivos comerciais de olerícolas em 2024, sinalizando a diversidade e distribuição dos produtos da horta em quantidade e qualidade.

São José dos Pinhais, Guarapuava, Marilândia do Sul, Contenda e Araucária, são os cinco principais municípios produtores de olerícolas em ordem de importância, e juntos somam 27,2 mil hectares, donde colheu-se 805,6 mil toneladas com geração de R\$ 1,8 bilhão de Valor Bruto da Produção/VBP. Juntos responderam por parcelas de 23,5% na área, 17,0% na produção e 18,6% no VBP. (OLERI/PR 2024: 115,8 mil hectares; 2,9 milhões de toneladas e R\$ 7,1 bilhões).

A relação dessas localidades com o VBP das principais espécies olerícolas exploradas no Estado é observada, principalmente, no cultivo da batata. No entanto, nos três municípios do entorno de Curitiba, a maior aglomeração urbana do Estado, a gama de folhosas é evidenciada.

São José dos Pinhais é um grande produtor de couve-flor, repolho e brócolis; enquanto Guarapuava se destaca com a batata e a cebola; Marilândia do Sul se especializou

Boletim Conjuntural Semana 47/2025 – 19 de novembro de 2025

em cenoura e beterraba; já Contenda explora também a batata e a cebola, além da batata-salsa (ou mandioquinha-salsa); e Araucária com a batata, o repolho e a couve-flor, completa os líderes estaduais desse segmento agrônômico.

FRANGO

Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

De acordo com a Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS) da Embrapa Suínos (CNPISA), o custo de produção do frango vivo no Paraná, criado em aviários, tipo climatizado em pressão positiva, atingiu em outubro de 2025 o valor de R\$ 4,55/kg. Essa realidade representa uma retração de 1,7% (+ R\$ 0,08/kg) em relação ao mês anterior (R\$ 4,63/kg) e de 2,8% (- R\$ 0,13/kg) em comparação com outubro de 2024, cujo valor foi de R\$ 4,68/kg.

O Índice de Custos de Produção de Frango (ICPFrango) foi de +352,48 pontos (base em janeiro de 2010 = 100 pontos) em outubro de 2025, representando uma retração de 1,71% em relação a setembro (que registrou 358,61 pontos) e uma queda de 2,7% em relação a outubro de 2024 (362,40 pontos). No ano, o ICPFrango acumulado atingiu uma variação negativa de 4,90%.

Comparado ao mês anterior, o ICPFrango registrou queda nos gastos com

ração das aves (-3,01%) e na energia elétrica, calefação e cama (-0,09%), mas alta na genética (+1,71%), mantendo estabilidade nos itens sanidade, mão de obra e transporte.

Entretanto, considerando-se o acumulado do ano corrente, tem-se: redução nos itens ração (-10,67%), porém crescimento nos itens genética (+8,71%), mão de obra (+0,05%), energia elétrica (-1,90%), transporte (+1,88%) e sanidade (+ 9,02%).

Os custos com a nutrição dos animais tiveram uma redução de 10,67% no ano e de 7,06% nos últimos 12 meses, representando 63,10% do ICPFrango. A aquisição de pintinhos de um dia (com peso de 18,51 sobre o ICPFrango) teve uma elevação de 8,71% no ano e de + 7,16% nos últimos 12 meses.

No Paraná (Coeficientes técnicos: área 1.500m²; peso 2,9 kg; mortalidade 5,5%; CA 1,7 kg; 6,2 lotes/ano), a alimentação dos frangos de corte, principal item no custo de produção, passou a representar 63,08% do custo total de produção (R\$ 4,55/kg). Em outubro de 2025, o valor da alimentação foi de R\$ 2,87/kg, o que representou uma queda de 3,04% (-R\$ 0,09/kg) em relação a setembro (R\$ 2,96/kg) e um valor menor de 7,12% em relação a igual mês de 2024 (R\$ 3,09/kg).

Nos principais Estados criadores de frangos de corte e produtores de carne, os custos de produção em outubro de 2025 foram os seguintes: Santa Catarina (R\$ 5,09/kg) e Rio

Boletim Conjuntural Semana 47/2025 – 19 de novembro de 2025

Grande do Sul (R\$ 5,06/kg), sendo o primeiro 0,8% (-R\$ 0,04) menor em relação ao mês anterior (R\$ 5,13/kg) e o segundo 0,6% (-R\$ 0,03) menor que o custo total de setembro (R\$ 5,09/kg).

Em outubro de 2025, o preço nominal médio estadual do frango vivo ao produtor no Paraná foi de R\$ 5,13/kg, representando uma queda de 3,2% em relação a setembro (+R\$ 0,16), cujo valor foi de R\$ 4,97/kg.

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Segundo a análise quinzenal do Cepea, as exportações brasileiras de carne bovina seguem em forte ritmo. Os embarques acumulados até outubro já representam 96% do total exportado em 2024, configurando novo recorde para o setor. As vendas de animais vivos também avançam: o volume enviado ao exterior atingiu 842 mil toneladas no acumulado do ano, alta de 12,4% frente ao mesmo período anterior.

Esse fluxo externo intenso reduz a oferta doméstica, o que, combinado à baixa disponibilidade de animais terminados, mantém as cotações firmes no mercado interno. A procura por carne bovina e por boi gordo segue consistente, com estoques enxutos e vendas estáveis; contudo, compradores começam a demonstrar resistência a novas altas, sugerindo

um possível movimento de acomodação nos preços no curto prazo.

SUÍNOS

Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz

O 3º trimestre de 2025 foi um período de resultados históricos para a suinocultura brasileira. Entre julho e setembro, o país alcançou os maiores volumes já registrados de produção, exportação, importação e disponibilidade interna de carne suína desde o início das séries, em 1997, conforme os primeiros resultados da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais do IBGE e dados do Agrostat/Mapa.

No trimestre, foram produzidas 1,49 milhão de toneladas (t) de carne suína, um aumento de 4,7% (66,8 mil t) em relação ao recorde anterior, obtido no 2º trimestre de 2025. Na comparação com o mesmo período do ano anterior, houve acréscimo de 6,1% (85,1 mil t).

Desse volume, 391,97 mil t foram destinadas ao mercado externo, o equivalente a 26,3% da produção nacional. As exportações cresceram 4,7% (17,6 mil t) em relação ao recorde do trimestre anterior – praticamente o mesmo ritmo observado na produção – e aumentaram 7,7% (28,1 mil t) na comparação com o mesmo período de 2024.

O trimestre também registrou a maior importação já observada, com 6,72 mil t –

Boletim Conjuntural Semana 47/2025 – 19 de novembro de 2025

correspondente a apenas 0,5% da carne suína produzida no Brasil. O resultado supera em 10,2% (622 t) o recorde anterior, do 1º trimestre de 2019, e em 28,3% (1,5 mil t) o volume do mesmo período do ano passado. Do total importado, 93,4% correspondeu a miudezas, 6,4% à carne suína in natura e 0,2% à carne suína industrializada.

A disponibilidade interna atingiu 1,10 milhão de t, novo recorde nacional. O volume supera em 44,3 mil t (+4,2%) o maior nível anterior, registrado no 3º trimestre de 2023, e é 5,6% (58,5 mil t) superior ao verificado no mesmo trimestre de 2024.

Considerando que, nos últimos cinco anos, o 3º trimestre ultrapassou o último em produção e exportação de carne suína, espera-se que o mesmo aconteça neste ano. Caso haja novos avanços, a tendência é que superem o recorde atual apenas de forma moderada.

MEL

Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Segundo Agrostat Brasil, nos dez meses de 2025 as empresas nacionais exportaram 30.651 toneladas (t) de mel in natura, volume 1,5% maior do que aquele obtido em igual período de 2024 (30.200 t). O faturamento em dólares foi de US\$ 102,948 milhões, 31,2% maior que em igual período de 2024 (US\$ 78,484 milhões). O preço médio nacional do

mel alcançou o valor de US\$ 3.358,71/t, 29,2% menor que o valor médio de igual período de 2024 (US\$ 2.598,81/t).

O Estado do Paraná, no acumulado dos dez meses do ano corrente, ocupou a terceira posição no ranking da exportação de mel natural (receita cambial: US\$ 18,639 milhões, volume: 5.571 t e preço médio: US\$ 3,35/kg). No ano anterior, em igual período foi exportado 2.962 t, faturando-se US\$ 7,532 milhões, a um preço médio de US\$ 2,54/kg.

Em primeiro lugar desponta o Estado de Minas Gerais (US\$ 21,401 milhões, 6.349 t e preço médio: US\$ 3,37/kg), sendo que no ano anterior exportou: 5.566 t, faturou US\$ 15,028 milhões e teve preço médio de US\$ 2,70/kg. Na segunda colocação, vem o Piauí (US\$ 20,519 milhões, 6.225 t e preço médio: US\$ 2,96/kg), sendo que no ano anterior exportou: 9.206 t, faturou US\$ 23,113 milhões e teve preço médio de US\$ 2,51/kg. Em quarto lugar, vem Santa Catarina (US\$ 15,520 milhões, 4.555 t e preço médio: US\$ 3,41/kg). No ano anterior exportou: 3.659 t, faturou US\$ 9,416 milhões e teve preço médio de US\$ 2,57kg. Em quinto lugar, vem o Estado do Ceará (US\$ 8,581 milhões, 2.481 t e preço médio: US\$ 3,46/kg). No ano anterior exportou: 1.840 t, faturou US\$ 5,199 milhões e teve preço médio de US\$ 2,57kg. Os demais principais exportadores de mel são: São Paulo, com US\$ 6,618 milhões em receita e 1.955 t; Rio Grande do Sul, com US\$ 4,122 milhões em

Boletim Conjuntural Semana 47/2025 – 19 de novembro de 2025

receita e 1.240 t; e Bahia, com US\$ 3,708 milhões em receita e 1.111 t.

O principal destino para o mel brasileiro exportado nos dez meses de 2025 (85,4% de todo volume exportado: 30.651 toneladas), continuou sendo os Estados Unidos da América (EUA): volume de 26.137 toneladas, receita cambial de US\$ 87,646 milhões e preço médio de US\$ 3,35/kg. No ano anterior importou: 23.767 t, gastou US\$ 61,090 milhões e pagou um preço médio de US\$ 2,57/kg.

Junto com os EUA, outros principais países importadores do mel brasileiro incluem o Canadá, com US\$ 7,941 milhões em receita e 2.350 t importadas; a Alemanha, com US\$ 2,907 milhões em receita e 831 t importadas; o Reino Unido, com US\$ 2,386 milhões em receita e 732 t importadas; e, Países Baixos, com US\$ 976.550 em receita e 299 t importadas. E além desses, ainda importam mel do Brasil: a Austrália, com US\$ 217.112 em receita e 81 t importadas; a Bélgica, com US\$ 201.620 em receita e 60 t importadas; a Áustria, com US\$ 72.598 em receita e 21 t importadas; a Suíça, com US\$ 53.449 em receita e 20 t importadas; Itália, com US\$ 98.825 em receita e 14,6 t importadas; China, com US\$ 116.929 em receita e 11,7 t importadas; Libéria, com US\$ 26.139 em receita e 2,8 t importadas; Ilhas Marshal, US\$ 19.039 em receita e 2,3 t importadas; e, Japão, com US\$ 79.691 em receita e 1,7 t importadas.

No dia 9 de julho de 2025, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou a imposição de uma tarifa de 50% sobre inúmeros produtos provenientes do Brasil, a vigorar a partir de 6 de agosto, fato que atingiu fortemente a apicultura, na medida em que os EUA é grande importador de produtos apícolas brasileiros, especialmente o mel.

No mês de agosto do ano corrente, os EUA importou 2.941 t de mel e gastou US\$ 10,675 milhões, volume e valores, 25% e 76,1% maiores que aqueles de igual mês de 2024 (Volume: 2.352 toneladas e US\$ 6,062 milhões), sugerindo antecipação de compras por parte dos importadores norte-americanos. No mês de setembro, o impacto negativo do “tarifaço” sobre apicultura mostrou a sua face perversa. Os EUA importou 2.338 t de mel e gastou US\$ 8,448 milhões, volume 19% menor, porém gastos 11,4% maiores que aqueles de igual mês de 2024 (Volume: 2.885 toneladas e US\$ 7,885 milhões). Volume menor, mas receita cambial com a exportação do mel para os EUA maior, decorreu do aumento de 37,4% no preço médio da t do mel brasileiro (2025: US\$ 3.613,45 e 2024: 2.629,07).

Já em outubro do ano corrente, o efeito adverso do “tarifaço” sobre apicultura brasileira continuou, porém mais suave. Os EUA importou 1.643 t de mel e gastou US\$ 5,502 milhões, volume 1,1% menor, porém gastos 20,3% maiores que aqueles de igual mês de

Boletim Conjuntural Semana 47/2025 – 19 de novembro de 2025

2024 (Volume: 1.660 t e US\$ 4,572 milhões). Volume menor, mas receita cambial com a exportação do mel para os EUA maior, é resultado do aumento de 21,6% no preço médio da tonelada do mel brasileiro (2025: US\$ 3.348,95 e 2024: 2.754,26).

Em resumo, a análise sugere que a tarifa americana conseguiu reduzir o volume físico de mel exportado. Contudo, a simultânea e intensa valorização do preço do mel brasileiro exportado tem, pelo menos até outubro de 2025, conseguido mitigar a perda de receita.

COGUMELOS

Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Historicamente, São Paulo é o maior produtor de cogumelos no Brasil. Atualmente, estima-se que o Paraná figura na terceira colocação nacional (cultivo de cogumelos comestíveis: Champignon de Paris, Shiitake e Shimeji). Segundo a SEAB/DERAL no Paraná, os maiores polos produtores ficam nas regiões de Curitiba, Guarapuava, Irati, Ponta Grossa, Londrina, União da Vitória, Umuarama, Dois Vizinhos, Cornélio Procopio e Maringá.

A instituição maior da agricultura paranaense registra números apenas de dois tipos de cogumelos: o Champignon de Paris e Shiitake, apesar de ocorrer produção de Cogumelo do Sol e Shimeji. No ano de 2024, segundo a SEAB/DERAL, a produção

paranaense de cogumelos foi de 982.131 kg distribuída nos dois cultivos principais: Shiitake (48.595 kg) e Champignon - Paris (933.336 kg), gerando um VBP de R\$ 21,092 milhões (Shiitake: R\$ 1,199 milhões e Champignon R\$ 19,894 milhões).

No ano anterior os números atingidos, foram: 983.760 kg de cogumelos produzidos, gerando um VBP de R\$ 18,615 milhões, assim distribuídos (kg e VBP): Shiitake (35.200 kg e R\$ 925.056,00) e Champignon - Paris (948.560 kg e R\$17,691 milhões).

Os cinco municípios que se destacaram em 2024, foram (kg e VBP): Castro (25.000 kg e R\$ 5,594 milhões), São José dos Pinhais (246.200 kg e R\$ 5,251 milhões), Tijucas do Sul (230.000 kg e R\$ 3,934 milhões), Palmeira (61.000 kg e R\$ 1,343 milhões) e Agudos do Sul (25.000 kg e R\$ 932,750 mil).

Na região Sul do Paraná, atua a Cooperativa Agroindustrial de Produtores de Cogumelos e demais Produtos de Tijucas do Sul e Região - COOPERTIJUCAS, que congrega cerca de 28 produtores associados (2020), que produzem oito toneladas por mês de cogumelo Champignon (*Agaricus bisporus*), in natura e em conserva.

Segundo o Censo Agropecuário (IBGE - 2017), no Brasil, a produção de cogumelo é desenvolvida principalmente nos Estados de São Paulo (87,3%), Minas Gerais (5,4%) e Paraná (3,9%) sendo estes responsáveis por

Boletim Conjuntural Semana 47/2025 – 19 de novembro de 2025

mais de 96,6% da produção do Brasil, da ordem de 12.730 toneladas, envolvendo 773 unidades de produção e acumulando um Valor Bruto da Produção (VBP) de R\$ 135,890 milhões. Os estados do Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Santa Catarina, também são expressivos em produção de cogumelos.

Por estes dados e fonte de informação, a realidade é a seguinte (produção, números de estabelecimentos e VBP): São Paulo (11.119 toneladas, 253 unidades de produção e R\$ 112,655 milhões), Minas Gerais (685 toneladas, 50 unidades de produção e R\$ 8,860 milhões) e Paraná (495 toneladas, 98 unidades de produção e R\$ 5,063 milhões).

E os outros quatro principais centros de cultivo de cogumelos apresentaram, em 2017, os seguintes números: Espírito Santo (240 toneladas, 15 unidades de produção e R\$ 3,063 milhões), Rio Grande do Sul (127 toneladas, 19 unidades de produção e R\$ 2,789 milhões), Rio de Janeiro (96 toneladas, 27 unidades de produção e R\$ 3,036 milhões), e Santa Catarina (23 toneladas, 7 unidades de produção e R\$ 692,0 mil).

Em termos de economia global, a produção de cogumelos movimenta aproximadamente 42 bilhões de dólares por ano, principalmente na China (46%), Estados Unidos (11%), Holanda (7%) (PRESCOTT et al., 2018).

No Brasil o consumo de cogumelos expandiu-se fortemente com o crescimento da cozinha oriental e vem ganhando notoriedade impulsionada pela demanda dos adeptos ao vegetarianismo, veganismo e por aqueles que buscam substituir a forma de proteína, visando uma alimentação mais saudável, e pelo reconhecido valor nutricional.

Conforme a ANPCC, o Shitake (*Lentinula edodes*) é o segundo mais consumido e figura entre os mais produzidos, sendo ideal para controlar pressão arterial e os níveis de colesterol. Esse tipo de cogumelo ganhou um espaço maior na alimentação dos brasileiros através da alimentação e produção japonesa, principalmente na cidade de Mogi das Cruzes (KUMANAYA; RUGAI; BONINI, 2018).

O cogumelo shimeji (*Pleurotus spp.*), comumente conhecido como “cogumelo ostra”, está em terceira posição na produção comercial de cogumelos no mundo e são decompositores primários de madeira e resíduos vegetais lignocelulolíticos. São naturalmente encontrados nas florestas úmidas tropicais e subtropicais, e podem ser artificialmente cultivados (BONATTICHAVES et al; 2004).

De acordo com a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (2019), São Paulo concentra a maior produção de cogumelos do Brasil, com cerca de 505 produtores distribuídos em 93 municípios

Boletim Conjuntural Semana 47/2025 – 19 de novembro de 2025

paulistas, alcançando uma produção anual em torno de 12 mil toneladas de cogumelos. O cultivo de cogumelos é realizado nas regiões próximas à capital, como Sorocaba, Mogi das Cruzes, Campinas e Bragança Paulista, por pequenos produtores que anteriormente se dedicavam à produção de hortaliças ou pecuária.

Hoje, 80% dos produtores brasileiros de cogumelos são pequenos e médios agricultores familiares. Estima-se que o consumo pela população brasileira seja em torno de 160 g/pessoa/ano, muito aquém dos países europeus (2 kg/pessoa/ano) e asiáticos (6 a 8 kg/pessoa/ano), segundo a Associação Nacional dos Produtores de Cogumelos (ANPC, 2019).

Dentre os tipos de cogumelos mais consumidos e produzidos no Brasil, destacam-se o Champignon de Paris (*Agaricus bisporus*), o Shiitake (*Lentinula edodes*), o Shimeji (*Pleurotus spp.*, em variações branco e preto), Hiratake (uma variedade de Shimeji cor de rosa / Shimeji salmão).

A produção brasileira de cogumelos não é capaz de suprir a demanda, sendo necessário

a importação do produto de outros países para atender o mercado interno, detectando-se um mercado promissor com possibilidades de incrementos da produção.

No território paranaense também se cultiva o cogumelo *Agaricus blazei*, que segundo a Associação Nacional de Produtores de Cogumelos (ANPC), é mundialmente apreciado por suas qualidades gastronômicas e especialmente por suas propriedades medicinais, sendo conhecido comumente por várias denominações, tais como, “Cogumelo Medicinal”, “Champignon do Brasil”, “Royal Sun *Agaricus*”, “The Brazilian Medicinal Mushroom” e, no Japão “Himematsutake. O *Agaricus blazei*, no Brasil, é conhecido popularmente como cogumelo-do-sol, sendo inicialmente cultivado apenas em canteiros desprotegidos no campo, daí derivando-se o nome. É originário das regiões serranas da Mata Atlântica do sul do Estado de São Paulo, sendo que na década de 1970 foi levado para o Japão, onde suas propriedades medicinais começaram a ser estudadas. (Ereno, Dinorah – Pesquisa Fapesp, 2004).